

Os integralismos como uma forma de conhecimento da relação luso-brasileira no ambiente do conservadorismo¹

Integral Nationalism as a Means to Insight about the Luso-Brazilian Relationship in the Climate of Conservatism²

Leandro Pereira Gonçalves*

Resumo

A intenção deste trabalho é identificar as matrizes discursivas do líder da Ação Integralista Brasileira, o escritor e político Plínio Salgado. O pensamento central do chefe integralista teve como base a criação de uma concepção de nacionalismo com o objetivo de atingir a construção de uma identidade nacional. O texto propõe uma análise da influência sofrida pelo autor em Portugal de grupos conservadores de base cristã, como os integralistas lusitanos e da própria política salazarista que ocorreu no período do exílio, momento em que passou a definir novos caminhos políticos para a fundação do Partido de Representação Popular.

Palavras-chave

Plínio Salgado. Integralismo. Conservadorismo.

¹ Texto que fixa conferência no Colóquio Internacional: *Os extremismos políticos de direita: entre a tradição e a renovação*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 29-30/IX/2011. Artigo inspirado na tese de doutorado: GONÇALVES, Leandro Pereira. Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

² Text that sets conference at the International Colloquium: *The political extremism of the Right: between tradition and renewal*, Institute of Social Sciences, University of Lisbon, 29-30/IX/2011. Article inspired by the doctoral thesis: GONÇALVES, Leandro Pereira. Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

* Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Brasil (PUC-SP) com estágio (Investigador Visitante Júnior) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: leandropgoncalves@gmail.com.

This work intends to identify the discursive patterns of the leader of the Brazilian Integralist Action, the writer and politician Plínio Salgado. The chief *Integralista's* central thinking was based on creating a concept of nationalism in order to successfully build a national identity. The article offers an analysis of the influence the author experienced in Portugal from Christian conservative groups, like the Lusitanian *Integralistas*, and from the Salazar policy itself taking place during the period of exile, when he began to define new political avenues for the foundation of the Popular Representation Party.

Keywords

Plínio Salgado. Integralism. Conservatism.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi criada oficialmente no dia 7 de outubro de 1932, na cidade de São Paulo, estabelecendo-se como um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo brasileiro, em novembro de 1937.

Através desse movimento político destacou-se Plínio Salgado, líder do grupo que se apresentava como um movimento de despertar da nação. O integralismo, por meio de um forte discurso com uma sólida base cristã, canalizava para a ação política as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação no processo político.

A AIB pode ser caracterizada como “mais bem sucedido dos movimentos fascista latino-americanos”.³ Análises levantam a existência do fascismo fora do continente europeu, sendo o integralismo o único caso de movimento fascista latino-americano.⁴ Não há dúvidas de que o momento auge do movimento e de Plínio Salgado na política brasileira foi o período relativo à legalidade da AIB, no contexto de “fascitização” que viveu o Brasil nos anos 1930.⁵ Com esse movimento, Salgado se consolidou como líder e intelectual com pretensões ambiciosas na sociedade brasileira durante o período entre guerras.

Como processo evolutivo das discussões idealizadas com a presença de Plínio Salgado em São Paulo na década de 1920, ocorreu a fundação

³ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p.143.

⁴ GRIFFIN, Roger. The nation reborn: a new ideal type of generic fascism. *Paper apresentado no XV World Congress of the IPSA*, Buenos Aires, julho de 1991, p.33-38.

⁵ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997, p.16.

da AIB, arrolada no pensamento desse líder surgido sob a égide literária do período. Assim, entende-se que o pensamento pliniano possuiu um momento de cristalização no período intelectual de São Paulo, pautado no verde-amarelismo e no posterior movimento Anta.

Verifica-se uma importância significativa da movimentação literária de Plínio Salgado na contextualização política, tendo o romance *O estrangeiro*⁶ e os manifestos do grupo modernista como elementos chave para a compreensão da idealização da AIB, uma vez que o cunho nacionalista e ufanista, além do conservadorismo radical, foi a tônica presente no grupo: “o que lhe cabe, segundo Plínio, é reinventar, sob o impacto ainda virgem desse novo ritmo, o sentimento de brasilidade latente no espaço da nossa alma redescoberta”⁷.

A tal “brasilidade integral”, fundamentação proposta por Plínio Salgado para o integralismo, teve o objetivo muito claro e explícito de sintetizar os elementos conquistados nos espaços culturais e políticos dos últimos anos de atuação em São Paulo, sendo a religiosidade espiritual elemento central do discurso e ação do movimento. Foi nesse momento, vésperas da fundação da AIB e período posterior à Semana de Arte, no auge das discussões e debates sobre o conceito de nacionalismo, que Plínio Salgado identificou em si “a passagem do ‘poeta-construtor’ para o ‘homem-índice’, ou, em outros termos, do ‘gênio literário’ para o ‘gênio-político’”⁸. Tais expressões foram utilizadas sem modéstia pelo líder integralista ao analisar a necessidade do surgimento de novos homens públicos no Brasil:

Ao Brasil tem faltado essa “virtú” nos seus homens públicos. E tem faltado, não por ausência de capacidade política, mas em consequência de não se haver ainda conjugado num único homem o alto senso teórico e o exato senso prático, a ciência e a arte, a inteligência e a ação, a cultura e a experiência. Entretanto, nós possuímos todos os elementos para suscitar o aparecimento do nosso gênio político. Ele só poderá surgir de um movimento nacional. Sem criar o movimento em todas as províncias, não temos o direito de esperar “um homem” [...] Nunca teremos o nosso gênio político, o nosso homem índice, se nos pusermos a sonhar e esperar aquilo que só poderá sair de nós mesmos, num porvir que dependerá do Presente.⁹

⁶ Principal obra literária do autor lançada em 1926, inseriu Plínio Salgado no rol da intelectualidade paulista. Cf.: GONÇALVES, Leandro Pereira. Propostas de um novo nacionalismo: a visão do imigrante para Plínio Salgado no romance *O estrangeiro*. In: HECKER, Frederico Alexandre de Moraes; MARTINS, Ismênia de Lima. (Orgs.). *E/ Imigrações: histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2010, p. 203-218.

⁷ PRADO, Antônio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.97.

⁸ Ibidem, p.99.

⁹ SALGADO, Plínio. A “Virtú” de Machiavel. In: *Despertemos a Nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p.115-116.

Notória a relação que é feita pelo autor em artigo escrito em 1931, véspera de fundação da AIB, ao afirmar que o “gênio” surgirá de um movimento nacional. A investigação não define Plínio Salgado como um intelectual modernista, mas sim como um ambicioso que usou o movimento de vanguarda como uma espécie de vitrine para surgir no cenário político brasileiro. Plínio Salgado dizia: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. [...] Estamos fartos de viver, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar”.¹⁰

Para isso, era preciso atingir uma determinada intelectualidade, questão que ele mesmo afirmou em 1933 no prefácio do livro *Psicologia da Revolução*, quando escreveu: “Este livro não é um livro para o povo, mas para os que pretendem influir nos destinos do povo. Aos políticos e aos intelectuais é que me dirijo nestas páginas”.¹¹ Esse caminho já havia sido feito pelos congêneres, como a *Action Française* e o Integralismo Lusitano (IL), que iniciaram as reflexões no âmbito da literatura e desenvolveram uma passagem para a política: “O Integralismo Lusitano à semelhança da sua congênera francesa, *Action Française*, passou de literário para a atuação e influência política e o seu nacionalismo de estético-literário tornou-se político”.¹²

Ao analisar a formação do integralismo português, António Costa Pinto resgata reflexões de um dos líderes do movimento, António Sardinha, que utiliza, por sua vez, o pensamento do idealizador da *Action Française*, Charles Maurras, para elucidar este processo de passagem do movimento da literatura para a política: “Charles Maurras disse um dia [...] ‘les lettres nous ont conduit à la politique [...] mais notre nationalisme commence pour être esthétique’. Ao pensar um pouco nas nossas origens literárias [...] eu reconheço que também a nós as Letras nos conduziram à política”.¹³

Há um ponto de unidade entre os movimentos conservadores radicais que promoveram a influência do pensamento idealizado por Plínio Salgado, pois para ele era preciso atingir a intelectualidade para delinear o projeto corporativista e reacionário. Somente com o aceite da intelectualidade brasileira, Plínio Salgado conseguiria legitimar o seu discurso. Dessa forma, agiu como um vanguardista, detentor de um

¹⁰ Correspondência de Plínio Salgado a Ribeiro Couto, 05 jul. 1933. (Fundação Casa de Rui Barbosa – APEB-Pop: 28177).

¹¹ SALGADO, Plínio. *Psicologia da revolução*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935a, p.9.

¹² FERREIRA, Nuno Simão. A I República e os integralistas: a visão de Alberto de Monsaraz. *Lusiada: história*, Lisboa, Editora Universidade Lusíada, nº5-6, p.237-193, 2009, p.256.

¹³ PINTO, António Costa. A formação do integralismo lusitano (1907-17). *Análise Social*, Lisboa, nº70, p.1409-1419, 1983, p.1413.

discurso revolucionário, mas que na verdade não passou de uma figuração criada para oficializar suas ideias.

Plínio Salgado estava, na década de 1920, em busca do papel de intelectual. Por isso mesmo, no livro destinado ao “povo”, deixava explícita a imagem de intelectual que pretendia criar sob a sua personalidade e, principalmente, sob o movimento integralista, afirmando: “O integralismo dará um altíssimo relevo aos pensadores, filósofos, cientistas, artistas, técnicos, proclamando-os supremos guias da Nação”.¹⁴ Em uma carta ao poeta Ribeiro Couto analisou as duas obras e lamentou os problemas editoriais, principalmente pela importância do livro:

Não sei se V. viu um livrinho que o Schmidt publicou: um desastre a revisão, um relaxamento a impressão. Estou indignado. Em todo o caso, passando por cima das asneiras com que os tipógrafos escangalharam com o livro, peço-lhe que o veja. Tem um tom mais panfletário do que doutrinário, porque o outro, o das elites, é o que deverá sair, chamado *Psychologia da revolução*. É nele que estão as bases filosóficas.¹⁵

Em julho de 1933, com menos de um ano da fundação do movimento, Plínio Salgado se vangloriava da aceitação que o movimento estaria atingindo na sociedade letrada: “Em S. Paulo, o movimento vai crescendo. Os intelectuais estão compreendendo o alto sentido desta campanha. A classe estudantina já se conta por muitas centenas. Os estudantes estão aproveitando as férias para fazer conferências pelo interior todo”.¹⁶

Nota-se que Plínio Salgado assumia um papel de intelectual com dupla função: atingir a intelectualidade para alcançar a aceitação do movimento e a de panfletário, ou seja, doutrinador e manipulador da classe não letrada. Com isso, afirmava: “Este nosso movimento deve se desdobrar em dois planos: o popular, e o cultural. Enquanto um modifica o “sentimento da massa, o outro cria os líderes, os chefes, os que deverão conduzi-la, quando vencermos”.¹⁷ Artifícios como esse, de valorização do intelectual já eram de conhecimento da sociedade política e cultural, uma vez que líderes de movimentos políticos colocavam-se como intelectuais perante a sociedade. Assim o fez o IL, através de Hipólito Raposo, militante que ao analisar o movimento destacou: “eles não podem imaginar o que foi o nosso drama intelectual, nem compreender o desvario das nossas caminhadas, através de erros sedutores que nos

¹⁴ SALGADO, Plínio *O que é o integralismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937, p. 136.

¹⁵ Correspondência de Plínio Salgado a Ribeiro Couto, 05 jul. 1933. (Fundação Casa de Rui Barbosa/APEB-Pop: 28177).

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

afiguravam certezas dogmáticas”.¹⁸ Plínio Salgado, por sua vez, colocava-se como o detentor do único movimento verdadeiramente intelectual, uma busca visível de aceitação na sociedade política.¹⁹

Esse pensamento era recorrente, mas a ambiguidade na organização do pensamento de Salgado era constante. Como analisado por Gilberto Vasconcellos, a política pliniana não representou originalidade, não foi nada mais que um mimetismo teórico importado do centro cultural que ele tanto combatia, a Europa.²⁰ Posições com o objetivo de legitimação da originalidade eram contínuas nos movimentos denominados nacionalistas. O IL, por exemplo, afirmava ser um movimento que tinha como pretensão negar a luta política e qualquer influência estrangeira.²¹ O momento não permitia discursos de aceitação de influências, por mais que elas fossem evidentes, como observado na falta de originalidade do movimento integralista brasileiro e no lusitano. Ao analisar os aspectos em torno da perspectiva econômica do IL, Mendo Castro Henriques afirma:

Ora foi orientação global do IL afirmar que as premissas especulativas da economia podem ser inflectidas em duas direções muito diferentes: “economia nacionalista cristã” ou “economia materialista”. Na primeira o maior grau possível de liberdade de aquisição de bens é atingível pela integração nacional dos fins ditados pela lei natural. Na segunda, o princípio hedonista deixa de ser meramente funcional para se tornar princípio originador de uma sociedade de tipo liberal ou de tipo soviético. A contraposição destas duas economias estava de há muito feita por Le Play, por exemplo, ou na Doutrina Social da Igreja, pelo que *os integralistas não foram nem pretenderam ser originais*. (grifo nosso)²²

Além de não haver originalidade, os citados movimentos conservadores radicais não apresentaram nada de moderno. No caso específico de Plínio Salgado, exceto pela forma fragmentada e cheia de intertextualidades que podem ser caracterizadas como modernistas, o conteúdo e os aspectos pautados no processo político do autor nada mais foram do que

¹⁸ RAPOSO, Hipólito. *Dois nacionalismos: L’Action Française e o Integralismo Lusitano*. Lisboa: Fereí Torres, 1929, p.33.

¹⁹ SALGADO, Plínio. O problema da ordem. In: *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935, p. 42.

²⁰ VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p.47.

²¹ PINTO, António Costa. *A formação do...*, op.cit., p.1418.

²² HENRIQUES, Mendo Castro. Perspectivas Ético-Económicas no Integralismo Lusitano. In: CARDOSO, José Luís (org.). *Contribuições para a história do pensamento económico em Portugal: Comunicações apresentadas no Seminário sobre História do Pensamento Económico em Portugal organizado em Outubro de 1987 pelo centro de Investigação sobre Economia Portuguesa (CISEP) do Instituto Superior de Economia*. Lisboa. D. Quixote, 1988, p.153.

concepções teorizadas no século XIX, representando o retrocesso e a ideia contextualizada no ambiente reacionário do antimaterialismo, que foi a imagem daquele período com a divulgação da *Rerum Novarum*.²³

Com o discurso baseado em um conjunto de verdades cristãs, a encíclica foi desenvolvida com a intenção de atingir uma sociedade em transformação:

A doutrina social da Igreja é um conjunto de ideias ou concepções (feitas de verdades, de princípios e de valores), que o Magistério vivo fundamenta na lei natural e na Revelação, e que adapta e aplica aos problemas sociais do nosso tempo, a fim de, segundo a maneira própria da Igreja, ajudar os povos e os governantes a organizar uma sociedade mais humana e mais conforme aos desígnios de Deus sobre o mundo.²⁴

Mediante a encíclica papal de Leão XIII, movimentos radicais de cunho conservador começaram a se organizar e a surgir em todo o mundo como resposta a essa doutrina. Com isso, ocorreu uma forma de aplicação da teoria social da igreja e a AIB teve como uma de suas grandes fundamentações teóricas a necessidade, vista no meio cristão, de aplicabilidade de tais dogmas no século XX. Elementos semelhantes ocorreram em várias localidades no mundo ocidental, destaca-se o já mencionado IL e o seu foco inspirador no maurrasianismo, a *Accion Française*.

O pensamento de Plínio Salgado nasceu da influência do IL, que é oriundo do maurrasianismo, da Doutrina Social da Igreja, bem como de alguns aspectos da doutrina e prática do Fascismo italiano, regime do qual adotou o modelo do partido único e o corporativismo de Estado. Com essas concepções, aliado ao autodidatismo nacionalista-cristão, além da influência familiar e a necessidade de um discurso de vanguarda, nasceu a AIB.

Em 1891, o Papa Leão XIII iniciou uma luta contra o que chamava de exploração aos operários, mas ao mesmo tempo uma oposição à luta de classes e ao marxismo. Passava a enxergar e defender a religião como elemento de reforma e justiça social, enquanto para Marx, a reforma e a justiça social só poderiam ocorrer através da revolução. Havia no pensamento católico um apelo ao espírito cristão para que os empregadores respeitassem os operários. Dessa forma, a igreja alcançou diversos segmentos sociais, cujo propósito maior era sem dúvida manter

²³ Carta Encíclica *Rerum Novarum*. (1891). Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso em 18 jun. 2011.

²⁴ GUERRY, Émile Mons. *Doutrina social da Igreja*. Lisboa; São Paulo: Sapedro; Herder, 1960, p.9.

pensamentos materialistas afastados do poder, impedindo assim qualquer tipo de oposição à dominação cristã ocidental.

Grande parte da oposição marxista esteve embasada em torno de um pensamento cristão conservador de cunho antimaterialista, base central da propagação idealizada em 1891 por Leão XIII e sua encíclica, a *Rerum Novarum*, que é vista pela igreja como a:

Primeira das grandes encíclicas sociais dos tempos modernos, a *Rerum Novarum* segue sendo hoje [...] a *Carta Magna do Trabalho*, princípio e fundamento do ensino social da Igreja. Leão XIII a projetou como a mais formidável e precisa teoria sobre as consciências dos cristãos da sua época, em defesa da classe trabalhadora. Mas os dotes excepcionais do professor e pastor a converteram em uma das obras mais rígidas de seu enorme trabalho doutrinal, cuja luz, longe de diminuir com o tempo, tem vindo a ganhar em claridade e em transcendência prática.²⁵

O líder integralista brasileiro, por ser fiel aos dogmas cristãos católicos, não poderia ficar inerte em relação às palavras oriundas do Vaticano. Dentro dessa contextualização, o pensamento pliniano sobre a política brasileira foi desenvolvido, uma vez que elementos de combate ao comunismo e liberalismo foram ideias centrais nas palavras de Leão XIII.

O IL teria se estruturado sob a mesma influência Católica, segundo Mendo Henriques.²⁶ Tal análise é compartilhada por Nuno Simão Ferreira que destaca a relação categórica entre a mensagem do pontífice e o modelo político defendido pelo IL: “Este modelo era totalmente decalcado do corporativismo ou do sindicalismo de inspiração católica no conjunto de medidas que formavam a doutrina social da Igreja, como demonstra a encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII”.²⁷ Ao analisar os componentes políticos existentes na produção de Alberto de Monsaraz, um dos líderes do movimento português, o investigador afirma que este:

[...] inspirou-se amplamente no pensamento da doutrina social da Igreja, preconizada pelo Papa Leão XIII na sua encíclica *Rerum Novarum* de 1891. A doutrina social da Igreja afigurava-se ao entendimento integralista como um caminho orientador da sociedade para a realização da felicidade, através da explicitação da lei natural, que era o fundamento das relações sociais.²⁸

²⁵ COMISION Episcopal Apostolado Social. *Doctrina social de la iglesia*: desde la “Rerum Novarum” a la “Mater er Magistra”. Madrid: E. Sánchez Leal, 1963, p.16. (tradução livre).

²⁶ HENRIQUES, Mendo Castro. Op.cit., p.153.

²⁷ FERREIRA, Nuno Simão. Alberto de Monsaraz e a vaga dos nacionalismos e dos radicalismos político-autoritários europeus do pós-I Guerra mundial: um rumo até o fascismo? *Lusíada: história*, Lisboa, Editora Universidade Lusíada, n. 4, p. 267-337, 2007, p. 283.

²⁸ Idem. A I República e os..., op.cit., p.256.

O discurso praticado pela Igreja em torno de um “caminho orientador da sociedade” no ato da criação das doutrinas sociais utilizou uma fundamentação não política, colocando em Deus a resposta para tais criações. Em 1981, o então Papa João Paulo II, na *Laborem Exercens*, sobre o trabalho humano argumentou:

A doutrina social da Igreja, efetivamente, tem a sua fonte na Sagrada Escritura, a começar do Livro do Gênesis e, em particular no Evangelho e nos escritos dos tempos apostólicos. Dedicar atenção aos problemas sociais faz parte desde os inícios do ensino da Igreja e da sua concepção do homem e da vida social e, especialmente, da moral social que foi sendo elaborada segundo as necessidades das diversas épocas. Um tal patrimônio tradicional foi depois herdado e desenvolvido pelo ensino dos Sumos Pontífices sobre a moderna “questão social”, a partir da Encíclica *Rerum Novarum*.²⁹

Em 1891, Leão XIII rejeitou veementemente qualquer tipo de solução proposta no segmento do socialismo ou liberalismo. Para ele, a condição de miséria em que viviam os operários era elemento de debate e discussão, sendo o combate a essas duas condições essenciais ao desenvolvimento de uma doutrinação cristã social dos fiéis, pois: “sendo a doutrina social da Igreja um corpo de princípios hauridos, em última instância, nas Sagradas Escrituras, só poderá ser vinculativa para aqueles que acreditem nas mesmas escrituras”.³⁰

António José Fernandes aponta a encíclica de 1891 “como um dos grandes acontecimentos da Igreja”.³¹ Esta nomeação ocorre, uma vez que, no fim do século XIX, a questão social representava um grande problema em alguns países, dentro do desenvolvimento operário e dos componentes socialistas. Dessa forma, era preciso impedir qualquer ação desses elementos, surgindo assim, a encíclica no sentido de atender politicamente aos interesses do operário e “agradar” a burguesia (mesmo sendo criticada pelo pontífice dentro da doutrina liberal) que não teria a oposição revolucionária marxista.

Com base nesse discurso, vários movimentos conservadores radicais desenvolveram suas concepções. Além do já citado IL, vê-se nas

²⁹ *Laborem Exercens*: dirigida aos veneráveis Irmãos no Episcopado aos Sacerdotes às Famílias religiosas aos Filhos e Filhas da Igreja e a todos os Homens de Boa Vontade sobre o Trabalho Humano no 90º aniversário da *Rerum Novarum* (1981). http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens_po.html. Acesso em 18 jun. 2011.

³⁰ SILVA, Augusto da. Continuidade e inovação na doutrina social da Igreja. *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, v. 28, n. 123-124, p. 775-786, 1993, p. 781.

³¹ FERNANDES, António José. *Social-Democracia e Doutrina Social da Igreja: incompatíveis ou convergentes?* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979, p. 91.

palavras de Plínio Salgado ideias oriundas da doutrina social da igreja. No *Manifesto de outubro de 1932*, que é o documento oficial de criação da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado afirma que: “A questão social deve ser resolvida pela cooperação de todos, conforme a justiça e o desejo que cada um nutre de progredir e melhorar”.³² A doutrina religiosa com o teor da questão social assumiu um papel fundamental no desenvolvimento do estágio no exercício de passagem literária para política de Plínio Salgado que repetidamente defendia ser o integralismo a: “afirmação de espiritualismo”.³³

Para compreender a origem do integralismo brasileiro, em especial o pensamento político de Plínio Salgado, é preciso recorrer à doutrina social da igreja na origem do congênere europeu e ao IL. A base inspiratória do grupo português está no movimento idealizado por Charles Maurras, a *Action Française*. O maurrasianismo é definido como o discurso original do pensamento autoritário. Foi na *Action Française* que as doutrinas revolucionárias em torno de um pensamento nacionalista de cunho conservador buscaram elementos de inspiração em diversos movimentos políticos do século XX. Ao analisar as origens e a existência dos movimentos fascistas na Europa,³⁴ Ernst Nolte³⁵ inicia os estudos para a compreensão do fascismo pelo movimento francês.

Ao realizar a ligação entre a *Rerum Novarum* e *Action Française* no contexto do pensamento de Plínio Salgado, a presente investigação não tem como propósito afirmar que a doutrina social da igreja e o movimento francês apresentam relações. Pelo contrário, a política de Leão XIII enxergava o pensamento monárquico de Charles Maurras comopositor em diversos sentidos. Apesar de ser uma concepção conservadora e paternalista, a doutrina social da igreja era uma fórmula que não agradava à *Action Française*, ou seja, há um componente oposicionista entre os dois em alguns períodos, tanto é que a Igreja assumiu um papel de condenação ao movimento francês, ainda que possuísse uma forte base católica no seu programa: “Esbanjando-se na glória de suas credenciais católicas, a *Action Française* estava totalmente despreparada para a avalanche que

³² SALGADO, Plínio. *Manifesto de outubro de 1932*. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932, p. 5.

³³ Idem. Mensagem na semana heroica. In: *Cartas aos camisas verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 131.

³⁴ O Chefe das Milícias da AIB, Gustavo Barroso, desenvolveu em 1936, na segunda parte da obra *Integralismo e o mundo*, uma relação dos movimentos que eram entendidos por ele como fascistas. No item: O Fascismo na França, aponta para a *Action Française*, e em Fascismo em Portugal, para o Integralismo Monárquico, além do Movimento Nacional Sindicalista. BARROSO, Gustavo, *Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

³⁵ NOLTE, Ernst. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York; Chicago; San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

a oprimiu menos de um ano depois de ela ter atingido o auge de seu prestígio eclesiástico”.³⁶

Plínio Salgado é definido como um intelectual que estudou e buscou inspiração simultaneamente em Maurras e nas encíclicas de Leão XIII, nomeadamente na *Rerum Novarum*, para compor seu pensamento. Enfim, não é um novo discurso, mas precisava surgir para a intelectualidade brasileira como original e de vanguarda, daí a entrada ambiciosa no movimento modernista da década de 1920, o que elevou o nome e o *status* do autor de um simples interiorano paulista a um intelectual respeitado nos núcleos literários e políticos nacionalistas cristãos de São Paulo.

A necessidade de compreensão do pensamento maurrasianista com a prática da *Action Française* tem uma significação necessária, uma vez que a compreensão dos discursos fascistas (e/ou conservadoras radicais) existentes no século XX remontam suas origens ao pensamento francês. A proposta é analisar essa relação franco-lusitana dentro do aspecto teórico e a prática italiana como elementos de representação de um discurso brasileiro pautado no pensamento pliniano. A relação entre o movimento francês e os elementos fascistas pode ser observada através da análise de Ernst Nolte:

A relação entre a *Action Française* e o fascismo não deve ser considerada como uma relação de causa e efeito. Influências diretas existem, mas tanto quanto o nacionalismo italiano – que de todos os elementos do fascismo teve mais contato com a *Action Française* – não se devem inferir geneticamente deste. Por outro lado, eles certamente não são fenômenos meramente paralelos. Se é verdade que a prática de um pequeno grupo político dificilmente tem comparação com a de um movimento de massas vitorioso nos anos 20 é via de regra, também é verdade que a doutrina original e auto-suficiente da *Action Française*, e a muitas vezes vacilante e em contínuo desenvolvimento doutrina do fascismo italiano, não se movem no mesmo plano.³⁷

Como afirmado, não há pretensão de identificar elementos evolucionistas, é meramente impossível qualquer tipo de mostra comparativa de um movimento do fim do século XIX com um grupo de força e massa do século XX, mas é impossível não observar a existência de elementos de influência entre um e outro: “A doutrina da *Action Française*, em relação ao fascismo, deveria ser vista como inspiração, mas não como originária [...] Daí a *Action Française* é fascismo – por mais que ambos fossem, simultaneamente, a prática e a teoria”.³⁸ Através deste

³⁶ ARNAL, Oscar L. *Ambivalent Alliance: the Catholic Church and the Action Française 1899-1939*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985, p.123. (tradução livre).

³⁷ NOLTE, Ernst. *Op.cit.*, p.145. (tradução livre).

³⁸ *Ibidem*.

paralelismo, foi analisado o pensamento pliniano que atingiu, na década de 1930, a expressão máxima.

No entanto, a fixação doutrinária já era recorrente e fazia parte da política e sociedade portuguesa: “apesar da consciência dos males engendrados pela *Action Française* entre os jovens católicos”.³⁹ A continuidade política e doutrinária foi mantida e ainda transportada para o Brasil, pois a relação entre a intelectualidade lusitana e a brasileira era mais do que real, mesmo após a condenação do movimento por parte da Igreja Católica que acusou Maurras “de colocar a política acima da religião”.⁴⁰

A proibição vinda do Vaticano não foi capaz de impedir a divulgação dos ideais no Brasil, conforme aponta a investigadora Teresa Malatian: “Católicos brasileiros, já familiarizados com a *Action Française* e que buscavam nela inspiração, mantiveram-se identificados com o Integralismo Lusitano”.⁴¹ Uma das grandes referências políticas para Plínio Salgado, foi Jackson de Figueiredo e as práticas do Centro Dom Vital.

Oliver Compagnon afirma que: “A influência da doutrina da *Action Française* fez-se sentir mais fortemente nos países latinos”,⁴² chegando inclusive a países da América, como México, Argentina e Brasil.⁴³

[...] os primeiros ecos do maurrasismo foram ouvidos na virada dos séculos XIX e XX como apresentado por uma série de provas. Assim um círculo da *Action Française* foi ativado no Rio de Janeiro na primeira metade dos anos de 1900, organizando as conferências que foram o objeto das propagandas ou relatos da imprensa, voltados principalmente para a pequena comunidade francesa localizada na capital brasileira.⁴⁴

No contexto pós-guerra, o maurrasianismo se transformou em um discurso privilegiado dos grupos intelectuais católicos brasileiros,⁴⁵ refletindo-se também no Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro. O Centro

³⁹ MOURA, Maria Lúcia de Brito. A condenação da *Action Française* por Pio XI repercussões em Portugal. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, FLUC, vol. 29, p. 545-585, 2008, p. 585.

⁴⁰ MALATIAN, Teresa. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Nacional, 2001, p. 85.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² COMPAGNON, Olivier. Etude comparée des cas argentin et brésilien. In: DARD, Olivier; Grunewald, Michel. Charles Maurras et l'étranger l'étranger et Charles Maurras: L'Action française – culture, politique, société II. Berne: Peter Lang, 2009, p. 283 (tradução livre).

⁴³ Os Integralistas Lusitanos defendiam uma operacionalização de uma zona comum latina e da latinidade: “composta pelas nações ocidentais, França, Bélgica, Espanha e Portugal” promovendo posteriormente uma junção com Brasil, Argentina e México. FERREIRA, Nuno Simão. *Alberto de Monsaraz e ... op.cit.*, p.295.

⁴⁴ COMPAGNON, Olivier. *Op.cit.*, p.286 (tradução livre).

⁴⁵ *Ibidem*, p.287.

foi criado, em 1922, por iniciativa de Jackson de Figueiredo⁴⁶ que via na reafirmação do catolicismo do Brasil uma necessidade espiritual após as mudanças do fim do século XIX.⁴⁷ Na figura de Jackson de Figueiredo há um elemento maior e de destaque para essa compreensão, principalmente, pelas relações existentes com o IL e teorias da *Action Française*.

Na sua obra dominam os seguintes temas: catolicismo, contrarrevolução, ordem e nacionalismo. Católico ardoroso, contrarrevolucionário e combatente, defensor intransigente da ordem e da autoridade e nacionalista radical, Jackson encarna, sobretudo, o espírito do catolicismo ultramontano. Combate a ameaça do protestantismo, da maçonaria, dos judeus que controlam o capitalismo internacional. Seu nacionalismo, sem se tornar tão radical como o nacionalismo integral de Maurras ou como o culto estético e afetivo da nação de Barrès, apoia-se sobretudo no culto do passado nacional e nas crenças e valores que constituem uma Nação.⁴⁸

Vê-se uma relação teórica de Salgado com Figueiredo no sentido de defesa do nacionalismo radical de cunho conservador, que encontrou no IL um elemento de aprofundamento dos ideais maurrasianos. Em algumas interpretações não se vê uma simples relação, mas sim de seguimento político e doutrinário. Em 1947, o vereador Jayme Ferreira da Silva, em um discurso na Câmara do Distrito, afirmou que Jackson de Figueiredo é “considerado com razão, como precursor do Integralismo, citando que foi Jackson, quem trouxe ao conhecimento dos brasileiros a obra de António Sardinha”.⁴⁹ Vê-se que a relação entre os grupos foi compactuada inclusive por membros do movimento brasileiro.

A intensa força do movimento português é destacada por Costa Pinto no sentido de “salientar que ele inspirou não só alguns grupos brasileiros que iriam desembocar na *Ação Integralista Brasileira*, como ainda foi uma das referências da *Acción Española* (1931), com quem mantiveram estritas relações”.⁵⁰ A condenação da *Action Française* não chegou a atrapalhar os planos políticos no Brasil. A suspensão do Vaticano:

[...] não pôs fim a presença do maurrasismo para a geração brasileira do renascimento católico. Ilustrado pelo exemplo de Alceu Amoroso Lima, que em uma célebre obra de 1932 “O nacionalismo integral que Maurras

⁴⁶ COMPAGNON, Olivier. *Op.cit.*, p.287 (tradução livre).

⁴⁷ Ibidem, p.287-288.

⁴⁸ TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979, p.33.

⁴⁹ SILVA, Jayme Ferreira. *A verdade sobre o integralismo: discurso pronunciado na Câmara do Distrito Federal na Sessão de 9 de julho de 1947*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947, p. 7.

⁵⁰ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis...*, *op.cit.*, p.33.

sistematiza e que Mussolini põe em prática”. Em terras lusas, o nacionalismo tomou um rumo radicalmente diferente com a criação da Ação Integralista Brasileira, em outubro de 1932, considerada pela historiografia como o verdadeiro fascismo latino-americano. A Ação Integralista Brasileira de fato permitiu federar muitos pólos do nacionalismo brasileiro em torno da figura carismática de Plínio Salgado. [...] Por outro lado, Salgado e alguns outros produziram milhares de páginas a fim de lançar as bases de uma doutrina nacionalista especificamente brasileira, não se resumindo a importação de modelos de pensamento europeus ou, ao menos, que os emancipasse em nome do projeto político que suportava o partido. Isso explica porque Maurras e a *Action Française* foram abundantemente citados no *corpus*, mas não representam de forma alguma as matrizes do integralismo como por vezes apresentado. Certamente, a Ação Integralista Brasileira identifica claramente os inimigos da nação brasileira, denunciando o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas ligadas aos judeus e à maçonaria, em outras palavras uma variante dos quatro Estados confederados. Certamente, que a crítica do sufrágio universal e do sistema democrático formulados por Salgado foram baseadas no maurrasismo.⁵¹

Através de estudos realizados por Oliver Compagnon sobre a relação do maurrasianismo na América Latina, observa-se um questionamento do investigador ao analisar o pensamento do líder integralista brasileiro, afirmando que: “é de se estranhar a falta de referência à *Action Française* em obras fundamentais como *O que é integralismo* de Salgado”.⁵² A busca da originalidade⁵³ jamais permitiria que Plínio Salgado se rendesse perante uma força, ainda mais, europeia: “A constatação de um desequilíbrio entre o ‘país legal’ e o ‘país real’, como diria Charles Maurras, incita o autor, ainda de uma maneira fragmentária, à crítica da ‘utopia democrática’”.⁵⁴ A questão da impossibilidade da aplicação democrática é apenas um exemplo das várias perspectivas que há na *Action Française* e que teve no IL fundamentação e função de transportadora para a América Latina pela AIB.

Segundo Costa Pinto, “Maurras, no entanto, sendo, como para muitos outros integralistas portugueses, o ponto de partida da sua formação política e intelectual, seria ultrapassado nos anos 20 por outras

⁵¹ COMPAGNON, Olivier. *Op.cit.*, p.294-295. (tradução livre).

⁵² *Ibidem*, p.295. (tradução livre).

⁵³ Com o objetivo de demonstrar a relação do integralismo na ótica fascista, Gustavo Barroso em 1936 na obra *Integralismo e o mundo* promoveu a tradução de algumas matérias jornalísticas sobre o integralismo em periódicos estadunidenses: “*Na importante revista hispano-americana que se publica em Nova York, La Nueva Democracia, no seu número de fevereiro de 1935, o professor Richard Pattee, reitor da Universidade de Porto Rico, publicou o seguinte artigo [...] o movimento integralista é um [...] fascismo adaptado à realidade brasileira, transplantado e modificado no solo americano, proclamando com outro nome, porém no fundo pretendendo-se às doutrinas conhecidas do Velho Mundo. [...] O mesmo crítico estampou a seguinte nota no número de abril de 1935, na revista Books Abroad, órgão oficial da Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos [...] que o integralismo é um fascismo apropriado à realidade brasileira*”. BARROSO, Gustavo, *Op.cit.*, p.230-233

⁵⁴ TRINDADE, Hélgio. *Op.cit.*, p.51.

influências mais duradouras”,⁵⁵ ou seja, a força fascista era evidente e demonstrava uma relação muito mais viável para o sucesso da AIB, assim como parte do IL que entrou na aventura fascistoide através do Nacional-Sindicalismo (N/S). Ainda em 1922, Rolão Preto, o maior entusiasta português, dizia: “as notícias que nos vêm da Itália como as que nos chegam de França são as mais consoladoras e cheias de promessas”.⁵⁶

Caminhos de semelhança e proximidade demonstram em todos os níveis a relação intensa de um grupo com o outro. O maurrasismo foi a raiz do pensamento pliniano, assim como de vários outros elementos conservadores de cunho radical. No entanto, dentro dessa perspectiva teórica, Plínio Salgado enxergava uma melhor fundamentação prática no movimento fascista italiano.

Entende-se que a sedução de Plínio Salgado pelo fascismo de Mussolini ultrapassou as relações com o movimento português, mas como a origem, tanto de um quanto do outro, é oriunda dos elementos fascistas da *Action Française*,⁵⁷ não é possível dividir o processo analítico, uma vez que o processo doutrinário de Salgado está em vários pontos de relações externas. Em 1930, Plínio Salgado fez uma viagem à Itália e ressaltou ter sido um marco transformador do seu pensamento no sentido de criar uma concepção realmente prática do discurso nacionalista e reacionário no Brasil. Com “esperanças” e elogios apaixonados pelo fascismo, voltou ao Brasil dizendo: “A doutrina fascista estabelece o Estado, como o espelho perfeito do Homem, como a própria ampliação do Indivíduo”.⁵⁸

A pretensão deste ensaio não é entrar na discussão que é realizada há décadas se o integralismo é ou não é fascista, mas sim, analisar o pensamento político que envolve o discurso de Plínio Salgado e que é visivelmente compactuante com a doutrina fascista oriunda no século XIX na França. A associação religiosa e política com a imagem de uma doutrina nacionalista para o Brasil foi o elemento central para a formação do integralismo sob a égide da gênese vinda da *Action Française* e que tem no Fascismo Italiano o principal exemplo prático.

No dia 14 de junho de 1930, em um sábado às 18h, Plínio Salgado conseguiu uma audiência com o líder fascista italiano Benito Mussolini. Esse encontro, durante anos, foi colocado como a prova viva e cabal da relação de Salgado com o líder italiano. Após recentes pesquisas,⁵⁹ viu-se

⁵⁵ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis...*, op.cit., p.38.

⁵⁶ PRETO, Rollão. A Monarquia Social. In: *Nação Portuguesa*: revista de cultura nacionalista. Lisboa, n. 6, 2ª série, 1922, p. 276.

⁵⁷ NOLTE, Ernst. Op.cit.

⁵⁸ SALGADO, Plínio. Como eu vi a Itália. In: *Hierarchia*, mar/abr. 1932, p. 204.

⁵⁹ A pesquisa foi desenvolvida pelo historiador João Fábio Bertonha (UEM) e disponibilizada na lista de discussão do Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT) em 2010.

que o encontro nada mais foi do que uma breve reunião de 15 minutos,⁶⁰ foi algo formal sem qualquer tipo de mistério em torno. Todavia, o importante é que, a partir desse momento, Plínio mostrava-se encantado com o que via na prática de elementos anticomunistas e antiliberais, como Leão XIII pregou e de forma radical com um cunho conservador como Charles Maurras idealizou. Com base em uma organização espiritual conservadora e nacionalista estava sendo consolidada a doutrinação que Plínio Salgado estava a montar no Brasil, a AIB.

Em 1932, Plínio Salgado escreveu um artigo para a *Revista Hierarchia*. Esse artigo foi novamente publicado no mesmo ano como folheto pela Sociedade Editora Latina, emanação do consulado italiano de São Paulo, dirigida pelo professor Ferruccio Rubbiani, que era uma dos assessores culturais italianos no consulado. Tal documento, curiosamente, não integra a lista oficial das referências bibliográficas do autor, tampouco foi inserido nas *Obras Completas*⁶¹ lançadas na década de 1950. O motivo é claro. Plínio Salgado desenvolveu, nesse material, elogios abertos e explícitos ao regime fascista e esta imagem era a que desejava excluir após a Segunda Grande Guerra Mundial. No artigo, o autor eleva a Itália a um patamar de superioridade: “A Itália que eu vi, merece todo o amor do Homem deste século de ameaças”.⁶²

Mussolini era colocado por Plínio Salgado em uma posição de privilégio por ter alcançado a prática fascista e relata a “reunião” – de 15 minutos – como um momento único em sua vida, por ter tido contato com uma sabedoria profunda:

Numa tarde de junho, depois de ter visto toda a Itália Nova, depois de a ter julgado com todo o rigor, eu me vi, no Palácio de Venezia, frente a frente com o gênio criador da política do Futuro. Era um homem de estatura regular, de olhos azuis, de gestos seguros e de voz firme. E esse gesto e essa voz pareciam exprimir uma concepção de vida. Pois eram quentes e queriam ser impetuosos, como afirmações violentas de personalidade individual; porém, eram ao mesmo tempo, brando-o e refletido-os, e se condicionavam numa perfeita expressão de ponderada disciplina. Por vezes, no correr da palestra, aqueles olhos se iluminavam, como se perpassasse por ele a chama de um ideal superior; e, em seguida, como se cerravam levemente, dir-se-ia que a retomar um ritmo que constitui toda a sabedoria de uma raça. Esse homem, de expressão vigorosa, tinha uma máscara inconfundível, onde velhos sofrimentos e velhas lutas pareciam ter marcado a passagem de uma vida agitada e forte. Era o homem

⁶⁰ Archivio Centrale dello Stato, Segreteria Particolare del Duce, Carteggio Ordinario, Udienze, b. 3102, f. giugno/1930.

⁶¹ Lançadas entre 1954 e 1956, as obras completas do autor, na realidade, não contemplam toda sua produção, tendo uma parte sofrido remanejamento, principalmente aquelas anteriores à Segunda Guerra Mundial. SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1954-1956, 20v.

⁶² Idem. *Hierarchia* ..., op.cit., 1932, p.205.

que viera do seio das multidões com a luz do gênio latino, médium supremo da nacionalidade, profeta das Nações e contemporâneo do Futuro. Era Mussolini. [...] Esse homem criará a Nova Itália, mas não ficará ali. Cidadão da Humanidade, oferecera aos Povos angustiados o conteúdo ideológico do Estado, que deverá constituir a essência dos princípios políticos dos países que preferirem uma Humanidade humana a uma Humanidade mecânica.⁶³

A necessidade de criar algo sólido no Brasil despertou o olhar de Salgado para a Itália e ao voltar da viagem iniciaram as discussões com a intelectualidade em torno da elaboração de um movimento nacional. No fim de fevereiro de 1932, fundou-se a Sociedade de Estudos Políticos (SEP),⁶⁴ órgão que objetivava a criação de um grupo que pudesse discutir a formação de um novo movimento político, tendo como princípio um forte nacionalismo conservador e revolucionário. Essa fundação foi resultado de vários outros pequenos movimentos que existiram no Brasil em anos anteriores, são grupos que podem ser denominados como pré-integralistas. Dentre os movimentos destaca-se a Ação Imperial Patrimonista Brasileira (AIPB), uma organização neomonarquista católica, fundada para recuperar a monarquia no Brasil, seguindo as mesmas características medievais com base na estrutura real e católica. Com esse movimento, Plínio Salgado passou a ter de forma mais delineada as ideias que passariam a fazer parte da estruturação da AIB.

A AIPB possui uma importância fundamental no desenvolvimento da estrutura política em torno do movimento integralista no Brasil, pois foi mediante incentivo dos monárquicos brasileiros, que chegou ao país o discurso católico e monárquico do IL. Segundo Antônio Costa Pinto: a influência cultural do movimento português se manifestou “inicialmente em movimentos de cariz monárquico como a Ação Imperial Patrimonista Brasileira, criada em 1928.”⁶⁵ A investigação não está afirmando que o movimento integralista brasileiro possui a defesa monárquica, como o congêneres lusitano, ainda que na década de 1920, Plínio Salgado possuísse boas relações com o regime monárquico. A relação entre os Integralistas Lusitanos com a AIPB era de grande intensidade, inclusive promovendo trocas culturais e políticas entre os grupos. Na revista *Integralismo Lusitano: estudos portugueses*, que era dirigida por Luís de Almeida Braga e Hipólito Raposo, constam mensagens de apoio à

⁶³ SALGADO, Plínio. *Hierarchia...*, op.cit., 1932, p.205..

⁶⁴ A primeira reunião para a formação da Sociedade de Estudos Políticos realiza-se em 24 fev 1932, por iniciativa de Salgado em São Paulo, na sede do jornal *A Razão*. Nesta reunião participa um grupo de jovens intelectuais: Cândido Mota Filho, Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, João Leães Sobrinho, Fernando Callage e vários estudantes da Faculdade de Direito. TRINDADE, Héglio. Op.cit., p.116.

⁶⁵ PINTO, Antônio Costa. *Os Camisas Azuis ...*, op.cit., p.144.

luta dos neomonárquicos brasileiros no sentido de defender a doutrina idealizada no interior do IL:

Patrionovismo: com esta designação iniciou-se há poucos anos no Brasil um movimento de ideias político-sociais, destinado a instaurar nos costumes a ordem cristã e latina e a reconduzir a Pátria-Irmã ao caminho perdido da sua Grandeza pela restauração do Império, na pessoa do príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança. Movimento da mocidade já doutrinado nos princípios antiliberais e antidemocráticos, norteia-o a certeza de que é essencial à conservação da unidade do Brasil a existência de um poder político, forte, contínuo e seguramente nacional nas suas intenções, que não possa ser escravo do partido da maioria, por ficar sobranceiro a todas as facções. Alheios à política do Brasil, como devemos ser, nada nos impede de saudar a grande esperança que a sua juventude põe nos mesmos princípios de salvação pública por que há vinte anos vimos lutando, em obediência à lei do sacrifício pelo bem-comum. Aos rapazes patrionovistas, os integralistas da grande e querida Nação-Irmã, enviamos os mais afetuosos votos e a melhor lembrança de apreço aos órgãos dos seus centros [...] agradecendo a todos as palavras com que acolheram o *Integralismo Lusitano*.⁶⁶

Hélgio Trindade ressalta que o integralismo brasileiro deve sua opção republicana a Miguel Reale.⁶⁷ Havia no interior da AIB várias divergências de cunho doutrinário e segmento político, principalmente entre Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Esse último ocupava a chefia do Departamento Nacional de Doutrina e, por sua vez, o controle de vários mecanismos doutrinários difundidos no movimento. Ao contrário de Plínio Salgado, Reale não via os movimentos monárquicos com bons olhos: “O republicanismo e um certo preconceito antifrancês explica sua atitude com relação à Ação Francesa e ao Integralismo, ambos monarquistas”.⁶⁸

Luís Reis Torgal, ao analisar o olhar dos integralistas mediante o primeiro-ministro de D. José I, o Marquês de Pombal, afirma que os defensores de uma política tradicionalista, como os integralistas, começaram: “Por afirmar que o ‘absolutismo’ não era uma forma política reprovável e que não se podia confundir com o ‘despotismo’ ou a ‘tirania’”.⁶⁹ Ao analisar o discurso dos integralistas lusitanos, diz que o grupo:

Deseja provar que na nossa monarquia, salvo raras exceções, não houve “absolutismo”, pois os reis procuraram sempre respeitar as leis existentes e as liberdades do povo português. No liberalismo é que, efetivamente, houve “absolutismo”, pois calcaram-se as leis legítimas da monarquia. Esta foi, de fato, a ideia apresentada pelos integralistas, que distinguiram “poder

⁶⁶ Res et Verba. In: BRAGA, Luís de Almeida; RAPOSO, Hipólito (dir.). *Integralismo Lusitano*: estudos portugueses. Lisboa: Tip.Inglesa, 1932-1934, p. 250-251.

⁶⁷ TRINDADE, Hélgio. Op.cit., p.251.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ TORGAL, Luís Reis. *História e ideologia*. Coimbra: Minerva História, 1989, p. 84.

pessoal”, que o rei tem efetivamente de assumir, e “poder absoluto”, que constitui já um vício. [...] É neste contexto teórico – de combate, é certo, mas já fora do ambiente polêmico pombalino de 1882 – que temos de entender a posição integralista em relação ao Ministro de D. José. Ela vai considerar que o “poder absoluto” só existiu em Portugal no tempo de Pombal. [...] Diga-se, porém, como complemento, que não era o integralismo, movimento de raiz miguelista, o único setor monárquico que então tomara posição contra as manifestações em honra de Pombal.⁷⁰

A partir dessa visão, compreende-se com maior fluidez que o objetivo dos integralistas lusitanos não era simplesmente promover a restauração nacional da época monárquica e sim, criar um elemento que pudesse justificar a necessidade de retornar Portugal aos chamados “tempos áureos”, dentro do processo caracterizado como medieval. António Sardinha afirmou que: “é de uso corrente reputar-se a Idade Média como um eclipse duradouro da inteligência humana, só ressuscitada do seu sono longuíssimo pelos clarões vitoriosos da Renascença. A calúnia da Idade Média é a calúnia contra a Igreja”.⁷¹ Ou seja, os valores medievais de defesa nacionalista estão associados a uma prática cristã. Tal modo de pensar influenciou Plínio Salgado a afirmar que: “Construir uma Pátria é ainda mais difícil. Porque uma Nação pode ser uma obra política, mas uma Pátria é uma arquitetura moral e espiritual”.⁷² Pensar o nacionalismo com a prática religiosa era o caminho difundido por Plínio Salgado, que discursava aos militantes defendendo a relação entre o sentimento nacional e o pensamento cristão. Em entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, afirmou:

Despertar em si próprio as forças do sentimento nacional porque a fusão de todas as centelhas de patriotismo de cada coração formará fogueira que incendiará o grande coração da Pátria Total. Pedir a Deus coragem e paciência, fortaleza e inspiração, energia e bondade, severidade sem alarde, bravura sem ostentação, virtude sem orgulho puritanista, humildade sem dignidade e dignidade sem egolatria.⁷³

O renascimento espiritual foi um movimento que se manifestou sob a influência francesa, com o objetivo de restaurar valores espiritualistas na poesia, na prosa e na filosofia. “Este movimento de espiritualização dos intelectuais é marcado, como o da França, no início do século, por um espírito antimoderno, antiburguês pela nostalgia da Idade Média.”⁷⁴

⁷⁰ TORGAL, Luís Reis. Op. cit., p. 84 – 87.

⁷¹ SARDINHA, António. *A teoria das cortes gerais*. 2. ed. Lisboa: 1975, p. 20.

⁷² SALGADO, Plínio. O drama dos constructores de pátrias. In: *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 15.

⁷³ Idem. Sentido e rythmo da nossa revolução. In: *A doutrina do... op.cit.* p. 18.

⁷⁴ TRINDADE, Hégio. Op.cit., p.30.

Tais visões estavam presentes nos movimentos pré-integralistas que serviram de base para a estruturação política na fundação da AIB, em 1932. No entanto, vê-se que grande parte da organização ocorreu: “mais ou menos dentro das sugestões patronovistas”,⁷⁵ com a liderança de Plínio Salgado que teve na SEP a base de conceituação de extremo conservadorismo. Com a fundação da AIB e a liderança indiscutível de Plínio Salgado, “tornou-se insuperável a divergência entre patronovistas e plinistas”.⁷⁶ As divergências entre a AIPB e a AIB eram muito claras e incapazes de promover uma relação de ligação ampla e total entre os grupos. A separação que se estabeleceu entre esses grupos não quer dizer oposição. Em diversos momentos, os patronovistas brasileiros (que eram em menor número) demonstraram apoio aos integralistas, principalmente no que toca ao discurso em torno da prática social corporativista, dentro de um preceito cristão em torno de ideias oriundas da *Action Française* e do IL. Exemplo claro ocorre na eleição presidencial de 1955, da qual Plínio Salgado foi candidato. O jornal *Monarquia*, órgão da chefia geral patronovista, afirmou em nota: “Presidência da República – Confirmando por este meio os comunicados anteriores, o Chefe Geral Patronovista, Com.Prof.Dr. Arlindo Veiga dos Santos, aconselha aos patronovistas e outros monárquicos não filiados à A.I.P.B. a candidatura de Plínio Salgado.”⁷⁷

Após o processo de construção e desenvolvimento do integralismo através de uma relação francesa, portuguesa e italiana, além da católica, a AIB entra na ilegalidade em 1937 e conseqüentemente o exílio em 1938 de Plínio Salgado. O período em terras lusitanas foi um período em que passou a definir novos caminhos políticos para a fundação do Partido de Representação Popular (PRP), visto sob a égide da cultura católica portuguesa, inclusive sob a política de Salazar.

Em Portugal, teve a oportunidade de reordenar e cristalizar as bases da política integralista. A questão espiritual e cristã, que já eram evidentes no momento da oficialidade do movimento, teve em Portugal uma espécie de reorientação doutrinária do integralismo. Momento de extrema importância na análise do pensamento político do líder que retornou ao Brasil em 1946, após o Estado Novo com um novo discurso, defendendo uma democracia baseada na concepção espiritualista, em que ele teria a total liderança.

⁷⁵ TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968, p. 195.

⁷⁶ MALATIAN, Teresa. Op.cit., p.67.

⁷⁷ *Monarquia*: órgão da chefia geral patronovista. São Paulo: A.I.P.B., n. 3, out. 1955, p. 4. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Arquivo Oliveira Salazar/PC3R)

No período de exílio na Europa, continuou a atividade de escritor e didata, pronunciando inúmeras conferências e produzindo vasta literatura. Na historiografia brasileira, afirma-se que Plínio Salgado passou a ter participações públicas, somente em 1942 e 1943, sendo que os primeiros anos no exílio seriam marcados pela expectativa de retorno ao Brasil, através de um acordo com Vargas. No entanto, através da investigação, verificam-se contatos logo nas primeiras semanas de exílio com o Rolão Preto, líder do N/S, expressão fascista em Portugal, além de membros das forças do Eixo no contexto da Segunda Guerra Mundial.

A presença de Plínio Salgado em Portugal foi notadamente marcada no campo religioso, obviamente, com um discurso político, o que pode ser percebido nas conferências e reflexos na imprensa portuguesa, despertando apoios e ao mesmo tempo indignações com a presença do líder integralista em solo português, como no Jornal *Lanterna: órgão anti-fascista* que na edição número 3 de 1945 afirmou:

Plínio Salgado foi expulso do Brasil, ferreteado de traídos, devido às suas actividades quinta-colunistas a favor do “eixo”. Veio para Portugal, porto seguro para ele e quejandos, onde continua a mesma actividade interrompida pela polícia brasileira. Foi recebido de braços abertos pelas nossas “elites”. Os seus confrades do “Círculo Eça de Queiroz” – pobre Eça: – receberam-no em sessão solene. E vemo-lo agora a botar faladura no Liceu Camões, convidado pela “Acção católica” a explicar aos portugueses os motivos que devemos adorar o papa e continuar escravos.⁷⁸

O jornal citou uma das dezenas de conferências que Salgado realizou, sendo essa especificamente a: *Primeiro Cristo!* proferida no Dia da Acção Católica em 28 de outubro de 1945 no Liceu Camões, com a presença do Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira; evento este, transmitido pela Rádio Renascença e Emissora Nacional. Verifica-se que as opiniões e críticas sobre Plínio Salgado não eram uniformes, enquanto no *Lanterna* a oposição era intensa, a repercussão da mesma conferência nos jornais conservadores como: *A voz, Novidades, Diário da Manhã, Acção*, entre outros, demonstravam apoio às palavras do líder integralista.

As conferências e publicações, longe de expressarem exclusivamente preocupações religiosas, respondiam a uma estratégia bastante clara; principalmente a partir de 1943; quando a derrota do nazifascismo tornava-se previsível: apresentar-se como líder espiritualista e cristão, com sólidos vínculos com a hierarquia católica e uma vasta obra religiosa publicada, assim como o líder português Antonio Salazar, que segundo

⁷⁸ Ainda a quinta-coluna. *A Lanterna*, Lisboa, out. 1945, nº3, p.2. *Propaganda Antifascista*. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Arquivo Oliveira Salazar/CO/PC-3I).

António Costa Pinto, teve no catolicismo tradicionalista e na própria instituição um dos elementos mais poderosos da ditadura salazarista.⁷⁹

Neste momento, a sedução que Plínio Salgado passou a ter em relação à política foi a de Salazar, pois permitia uma transição em direção a uma política de ligação com o espiritual, assim como a salazarista. Segundo Maria Inácia Rezola, ao falar do início do governo de Salazar em 1933: “os católicos depositavam enormes esperanças na nova ordem. O chefe do Governo iniciara a sua carreira no partido da Igreja, era um católico assumido e amigo pessoal do cardeal patriarca Gonçalves Cerejeira. [...] Ao longo dos anos, Cerejeira recordará a Salazar a sua posição de ‘emissário de Deus’”⁸⁰

A aproximação que Salgado passou a buscar não estava limitada à semelhança do lema integralista: *Deus, Pátria e Família* com o lema do regime salazarista: *Deus, Pátria, Autoridade e Família*. A ligação que pode ser observada ocorre, principalmente, em torno da confiança que a Igreja depositou em Salazar. Percebe-se que Salgado buscou o mesmo, para que no regresso ao Brasil, o poder fosse alcançado, sob a tutela eclesiástica.

O primeiro livro publicado em Portugal, *Vida de Jesus*, tem uma importância particular, pela sua enorme pretensão e pela expressiva repercussão que teve tanto em Portugal como no Brasil, com tradução para diversos idiomas, como espanhol e italiano. Obra que comprova a presença religiosa e cristã que o autor passou a buscar em terras europeias. O livro era apresentado como uma das maiores obras do cristianismo, com grande eco na imprensa salazarista.

A circulação dessas obras e as conferências pronunciadas permitiram a Salgado ampliar seu círculo de relações com o governo português, com grupos radicais de direita e com a Igreja Católica. Suas diversas conferências eram promovidas por órgãos da Acção Católica, pelo Centro Acadêmico da Democracia Cristã, além de diversos outros grupos.

Outro ponto de fundamental importância para a construção de um “novo” Plínio Salgado dentro do contexto pós-guerra de queda do nazifascismo é no que diz respeito à óbvia necessidade de retirar qualquer rótulo fascista existente e a política de Salazar passou a ser o suporte

⁷⁹ PINTO, António Costa. O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; PINTO, António Costa. *O Corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 34-35.

⁸⁰ REZOLA, Maria Inácia. A Igreja Católica portuguesa e a consolidação do salazarismo. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; PINTO, António Costa. *O Corporativismo em...*, op. cit. p. 250-251.

para a construção de uma nova imagem política. Segundo António Costa Pinto, o salazarismo passou a ser o passaporte de movimentos da direita radical do período, uma vez que diversos grupos necessitavam evitar a identificação com o fascismo.⁸¹

O salazarismo, assim como diversos outros movimentos, sofreram uma influência decisiva do fascismo italiano, mas: “o salazarismo e o fundamental da sua elite política não se identificaram com Mussolini enquanto chefe carismático e muito menos com o seu partido.”⁸² Dessa forma, crê-se que Plínio Salgado novamente volta os olhos para Portugal e busca inspirações no regime de Salazar, já que o “novo” Salgado após 1946, foi um líder que buscou a todo momento evitar relações de proximidade com a imagem fascista, assim como Salazar em Portugal.

Plínio Salgado tinha como um dos parâmetros para a criação da sua nova imagem, a Mensagem Natalina do Papa Pio XII em 1944, em que este defende uma democracia consolidada nos preceitos do cristianismo. Esta mensagem legitimou a conferência de Plínio Salgado no CADC (Centro Acadêmico de Democracia Cristã) em 08 de dezembro de 1944 em Coimbra. A criação de um novo conceito de democracia aliada a todo conhecimento, influência e reflexo da política de sucesso de Salazar serviu de base para que Plínio Salgado defendesse um modelo democrático para o Brasil, opção até então nunca levantada. O momento do Brasil não oferecia outra hipótese a não ser da democracia e Plínio Salgado faz uma espécie de “adaptação” da doutrina com o contexto existente após o exílio.

Esse novo Plínio Salgado, que teve atuação no PRP, alcançou certa popularidade, já que foi eleito Deputado Federal. Foi candidato à Presidência da República, mas sem abandonar suas concepções, principalmente no que diz respeito à política portuguesa. Em uma nova viagem a Portugal em 1960, afirmou em entrevista ao *Diário da Manhã*: “Acredito que Portugal e Brasil constituindo uma unidade histórica e impressionante identidade de sentimentos têm uma alta missão a desempenhar no mundo moderno.”⁸³ Plínio Salgado passou a opinar e a discutir questões relacionadas às guerras coloniais. Em um discurso proferido na *Manifestação organizada pelos portugueses residentes no Brasil contra a invasão da Índia* portuguesa em evento realizado no Gabinete

⁸¹ PINTO, António Costa. O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; PINTO, António Costa. *O Corporativismo em...*, op. cit. p. 41.

⁸² Ibidem.

⁸³ Acredito que Portugal e Brasil constituindo uma unidade histórica e impressionante identidade de sentimentos têm uma alta missão a desempenhar no mundo moderno. *Diário da Manhã*, Lisboa, 24 dez. 1960.

Real Português de Leitura, transmitido pela Rádio Globo e reproduzido pela Emissora Nacional, Salgado reafirma sua oposição protestando duramente contra a ONU, que não impede o conflito.⁸⁴ Em 1962, voltou a Portugal e teve uma reunião com António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho. A pauta de 1h e 15min de conversa foi: *política brasileira e política luso-brasileira – política ultramarina portuguesa e política africana do Brasil*. A imprensa portuguesa noticiou a entrevista que Plínio concedeu após a reunião com a seguinte afirmação: *Com Salazar aprende-se sempre muito*.⁸⁵

O líder dos integralistas morreu em 1975 e observa-se que até o fim da vida os ideais foram mantidos, como pode ser observado na *Despedida do parlamento: discurso proferido na sessão de 3-12-74*⁸⁶ em que fez uma análise da doutrina integralista, mostrando não ter arrependimento e sim, muito orgulho do passado nacionalista de caráter autoritário, sendo a cultura política portuguesa apresentada com importância significativa para o pensamento político de Plínio Salgado.

⁸⁴ SALGADO, Plínio. *et al.* Protesto luso-brasileiro contra as invasões ultramarinas do governo de Lisboa pela Índia. *Reportagem*: Manifestação organizada pelos portugueses residentes no Brasil contra a invasão da Índia portuguesa, Rio de Janeiro: Rádio Globo, 01 abr 1960. Programa de Rádio. (Rádio e Televisão de Portugal – RTP – AHD1622).

⁸⁵ Com Salazar aprende-se sempre muito. *Diário da Manhã*, Lisboa, 16 maio 1962.

⁸⁶ SALGADO, Plínio. *Despedida do parlamento*: discurso proferido na sessão de 3-12-74, pelo deputado Plínio Salgado. 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976.